



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Rafaelle Mendes da Costa

Anne Frank e a escrita de si: a adolescência no contexto sócio-histórico de guerra

Rio de Janeiro

2018

Anne Frank e a escrita de si: a adolescência no contexto sócio-histórico de guerra

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientadora: Marise Ramôa.

Co-orientador: Murilo Vilaça.

Rio de Janeiro

2018

Dedico esse trabalho à minha mãe que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

RESUMO

A adolescência é uma fase onde mudanças biológicas, sociais e psicológicas ocorrem. É um momento da vida onde o auto-conhecimento é característico, sendo de extrema importância para a passagem adolescência-vida adulta. Aos 13 anos, Anne Frank foi obrigada a se esconder junto aos seus familiares em um anexo secreto ao escritório onde seu pai trabalhava, fugindo dos nazistas, que estavam perseguindo os judeus. Anne estava passando pelas transformações características da adolescência, e diante de todo o medo e estresse que rodeavam o esconderijo, usou o seu diário como um porto seguro, um amigo para conversar sobre sua vida, incluindo as mudanças da fase do adolescer. O presente trabalho trata da análise do Diário de Anne Frank como escrita de si e analisa se o mesmo se produziu como cuidado de si, em seu período de adolescência vivido no período da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: escrita de si; cuidado de si; Diário de Anne Frank; adolescência; identidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 1	10
CAPÍTULO 2	13
2.1 – Os Hypomnemata	13
2.2 – A correspondência	14
2.3 – O diário	15
2.4 – A escrita adolescente	15
CAPÍTULO 3	16
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

Há marcos na história da humanidade que são caracterizados por terem sido extremamente cruéis e sanguinários. Um acontecimento histórico assustador e muito estudado após seu ocorrido foi o Holocausto, que consistiu no genocídio de cerca de 11 milhões de pessoas (LEWGOY, 2010) de grupos específicos, como ciganos, homossexuais, deficientes físicos e mentais, além dos judeus, que foram os alvos principais, sob a liderança de Adolf Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial.

Na Holanda, no período de guerra e holocausto, foi anunciado que testemunhos oculares retratando o sofrimento holandês no momento histórico, sendo esses diários ou cartas, seriam recolhidos no fim dos conflitos para futuras publicações (FRANK, 1982). O anúncio chamou a atenção da adolescente Anne Frank, uma judia que foi para a Holanda aos 4 anos com seus pais e irmã, como uma forma de fugir dos nazistas.

Anne, já com seus 13 anos, ganhou um diário, esse que viria a ser um importante documento histórico futuramente. Em seu caderno pessoal, a menina retratou a sua estadia em um anexo secreto durante a Segunda Guerra Mundial. Um caderno que virou o melhor amigo de uma adolescente que estava passando por todos os processos característicos da fase; uma *válvula de escape* para lidar com o medo e o estresse que rodeavam o esconderijo, no qual se encontrava durante a chegada dos nazistas à Holanda.

Segundo Knobel(1989) apud Bock(2015), os adolescentes enfrentam conflitos, sejam eles impostos pela sociedade ou até mesmo biológicos. Dentre esses problemas estão a busca de si mesmo e da identidade, a atitude social reivindicatória com tendências anti ou associativas de diversa intensidade, constantes flutuações de humor e do estado de ânimo, entre outros.

Para Melucci(1977) apud Bock(2015), nesta idade, o futuro é visto como um conjunto de possibilidades, prevalecendo sua orientação. Essas possibilidades podem se tornar fantasmas, por não haver tempo para realizá-las. No caso de Anne, as chances de ter uma carreira, ou até mesmo uma vida normal, sem marcas do passado, eram ínfimas na situação em que se encontrava.

Muitos são os meios que as pessoas utilizam para lidar com os seus processos internos, como, por exemplo, um hobby ou um esporte. A escrita de si entra nesse grupo de métodos de cuidado de si (FOUCAULT, 1992), pois, ao escrever, o sujeito torna-se autor da própria história, capaz de produzir, por via da escrita, como um campo simbólico, novas representações para o que é vivido afetivamente. Servindo como um suporte, a escrita é uma forma de elaborar o sofrimento psíquico.

E por meio da releitura do que foi escrito antes, o indivíduo observará aspectos que não foram observados, refletindo, dessa forma, sobre o significado daquilo que foi registrado (BIAZUS, 2011).

Segundo Foucault (1992),

“A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos, pois propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário. Mas, simultaneamente, uma segunda analogia se coloca, referente à prática da ascese como trabalho não apenas sobre os actos mas, mais precisamente, sobre o pensamento: o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, exercê-lo-á a escrita na ordem dos movimentos internos da alma; neste sentido, ela tem um papel muito próximo do da confissão ao director, do qual Cassiano dirá, na linha da espiritualidade avagriana, que deve revelar, sem excepção, todos os movimentos da alma (omnes cogitationes).”

O diário tem como características linearidade e continuidade de acontecimentos em torno da vida do indivíduo que o escreve. A prática surgiu no século dezoito, com a ideia de uma vida privada, mas a sua fama consolidou-se apenas no século vinte, sendo aprovado pela população (MACIEL, 2007, p.05 apud JOVIANO, 2011, p.04).

O fato de Anne Frank ter estado em um esconderijo durante a fase da adolescência e ter usado o diário como uma forma de lidar com tudo o que passava em sua mente gerou o seguinte questionamento para o presente trabalho: afinal, a *escrita de si* ajudou a adolescente a lidar com os tormentos e transformações no contexto sócio-histórico de guerra?

A linguagem falada e escrita diferencia os seres humanos de todos os outros animais existentes. É a partir da escrita que as pessoas se expressam, nomeando sentimentos e ideias, que serão utilizados por outros, e assim sucessivamente. Ela foi e continua sendo de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano; sendo imprescindível para a evolução do saber e também do autoconhecimento (SILVA, 2019).

Na adolescência, a escrita pode ser um operador de subjetivação. Nela, o adolescente encontrará uma forma de se encontrar e se conhecer (LIMA, 2006).

Anne Frank ganhou o diário no dia de seu aniversário, e foi, segundo a menina, o melhor presente que ganhara. Antes de ir para o esconderijo, a garota já escrevia no caderno sobre suas vivências, ou seja, já usava a escrita como uma forma de colocar em ordem os seus pensamentos.

Já no esconderijo, a relação de Anne com o seu diário se intensificou. O objeto foi como uma *âncora*, já que todos que estavam no anexo secreto andavam mais preocupados em se esconder do que lidar com as mudanças da fase do adolescer da garota.

A partir de tal forma de abordar o uso do diário por adolescentes, vemos a importância de analisar o diário de Anne Frank e entender como a escrita de si como um cuidado de si ajudou a adolescente, e se ajudou, a lidar com as mudanças internas e externas, além do contexto em que se encontrava, na Segunda Guerra Mundial.

Realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema da escrita pessoal como um recurso na adolescência para lidar com as transformações características da fase. Além disso, também fizemos análise de discurso a partir do Diário de Anne Frank.

Segundo Bakhtin (1979) apud Macedo et al. (2008):

“A análise de discurso é uma possibilidade de captar o sentido não explícito no discurso. É, portanto, uma forma de aproximação do processo saúde-doença por meio da interpretação da linguagem, pois é no terreno da linguagem que explicamos a determinação de vários fenômenos e conceitos, sendo a palavra uma espécie de ponte lançada entre um ou mais locutores e um ou mais interlocutores.”

A análise de discurso no campo da Saúde “é um meio de aproximação e inclusão da linguagem em um sistema abstrato no qual os indivíduos se expressam oralmente e por escrito e, assim, produzem sentidos para evidenciar suas compreensões sobre a determinação do processo saúde-doença.” (MACEDO ET. AL., 2008)

Para Piovesan (2006), o discurso transcende a linguagem e sua análise é um processo de identificação de sujeitos, de argumentação, de subjetivação e de construção da realidade, onde sentidos são revelados e determinados ideologicamente.

No primeiro capítulo apresentamos os conceitos de adolescência, segundo concepção sócio-histórica, ou seja, construção social. Para tal, abordamos autores do campo da Psicologia Social.

No segundo capítulo abordamos a *escrita de si* a partir de autores como Foucault e Lima.

No terceiro capítulo realizamos a relação entre a escrita de si na adolescência como recurso para lidar com o sofrimento psíquico e transformações, por meio da análise de discurso do Diário de Anne Frank.

E, por último, na conclusão, analisamos se o recurso da *escrita de si* em diário pessoal ajudou a adolescente Anne Frank a suportar as mudanças da fase, no cenário sócio-histórico de guerra.

1 A adolescência como construção social

Com as revoluções industriais, as demandas para admissão em empregos aumentaram, fazendo com que o preparo para o mundo do trabalho ficasse mais complicado, necessitando, dessa forma, que o período nas escolas aumentasse. E ao expandir o tempo nos colégios, a convivência com os iguais (mesma idade) se prolongou, criando esse novo grupo denominado adolescente. E esse novo grupo, por não poder trabalhar mais cedo, como antes, além de ficar longe das possibilidades de obter autonomia, acabou ficando dependente dos adultos, causando uma série de características, essas que são explicadas pela Psicologia Social, sendo características sociais e não naturais, como crise de identidade e busca de si mesmo, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, entre outras (CLÍMACO, 1991 apud Bock, 2007).

Os significados de juventude mudaram de acordo com as demandas de cada época, como, por exemplo, na sociedade grega, onde os homens eram a representação da força física, sendo treinados quando jovens para se tornarem “cidadãos de forma integral” (Bock, 2007).

Segundo Bock (2007), a adolescência não é patológica nem natural, ela é histórica e social. Uma fase construída para a sociedade se distribuir corretamente: adultos passando mais tempo no mundo de trabalho e jovens se preparando para a inserção no mercado.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é uma fase entre os 10 e os 19 anos, sendo uma etapa social, psicológica e biológica (WHO, 2011). Outras organizações também estabelecem um parâmetro de faixa etária para o adolecer, mas como o corpo humano está em constantes mudanças, independentemente da idade da pessoa, definir o início e o fim da adolescência talvez não seja bom, sendo mais importante acompanhar o processo de desenvolvimento de cada indivíduo, sem focar muito na idade.

No início dos estudos e discussões sobre a adolescência, Benedict (1983, p. 79) diz que:

[...] apesar de ser um fato da natureza que uma criança se transformará num homem, o modo como a transição será efetuada varia de uma sociedade para outra e que nenhuma dessas pontes culturais específicas deve ser considerada o caminho natural para a maturidade [...].

A adolescência vai ser caracterizada de acordo como a sociedade irá representá-la (LEVINSKY, 1995). Seu início, para muitos autores do campo da Psicologia, será na puberdade, mas o fim ainda é bastante discutido.

Tendo um conceito no campo predominantemente antropológico e sociológico, a juventude varia de acordo com o ambiente onde o indivíduo encontra-se (DUARTE, 2007). Dessa forma, definida culturalmente, a puberdade está associada às responsabilidades, direitos, papéis sociais e obrigações individuais, definidos pela sociedade para a pessoa adolescente e adultos que estão nos primeiros anos da vida amadurecida (IDEM, 2007).

A maioria dos estudos voltados à adolescência a definem como uma etapa turbulenta e conflituosa, usando como argumento a procura pelo verdadeiro eu (a identidade), quando o adolescente precisa se organizar de acordo com as cobranças da família e sociedade, da cultura a qual se encontra, além de compreender e aceitar as mudanças corporais, que não estão sob o seu controle (ID IBID, 2007).

A forma que a adolescência será apresentada para cada indivíduo dependerá do contexto em que cada um está inserido. No caso de Anne Frank, a fase do adolescer se dará, para além do esperado (mudanças corporais, busca do eu, entre outras), por conflitos envolvendo a compreensão de seu papel como judia em uma sociedade onde esse grupo está sendo perseguido.

A menina judia Anne Frank, como havia dito anteriormente, nasceu no dia 12 de junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha. Aos quatro anos de idade foi obrigada, junto aos seus pais e irmã, a sair do país com a chegada de Adolph Hitler ao poder, indo morar na Holanda em busca de uma vida mais tranquila.

No dia 12 de junho de 1942, Anne ganhou vários presentes em seu aniversário, tendo o diário como o principal e mais desejado de todos pela garota (FRANK, 1982).

Com a perseguição aos judeus na Holanda, em 1942, Otto Frank, pai de Anne Frank, junto a sua mulher e filhas, juntam-se a mais quatro pessoas e decidem se esconder dos invasores alemães, ficando em uma anexo secreto durante dois anos até serem delatados.

O documento histórico que possui todas as vivências da menina durante sua estadia no anexo secreto é o famoso “Diário de Anne Frank”, que contém relatos sobre a perseguição racial e sobre a grande Segunda Guerra Mundial.

Segundo Medioli (2010),

“Para todos os interessados no estudo da adolescência, o diário de Anne Frank tem valor inigualável, pelo precioso relato das problemáticas da adolescência”. Por estar submetida a uma completa limitação no anexo do sótão do escritório onde seu pai trabalhava, a adolescente viveu as transformações da adolescência de uma forma intensa e esmagadora, no sentido de evitar compartilhar suas mudanças com as outras pessoas que estavam ali. E a forma que utilizou para lidar com tudo que lhe rodeava foi escrever em seu diário, tendo a escrita um papel muito importante para o amparo de Anne, sendo “um ponto simbólico de contenção da sua angústia.”

O diário ganha o lugar de uma amiga imaginária, sendo chamado de Kitty pela menina, que, por meio dele, agiliza os processos de crescimento e chega a uma elaboração profunda de sua mente, numa tentativa de responder a todas as questões que a fase do *adolescens* gera (IDEM, 2010).

No anexo secreto, a menina descobre um amor por Peter, filho único da família que também estava escondida. Então, Anne começa a rever questões sobre a sexualidade, além de observar cada vez mais a forma que ela reagia a essas questões. A garota, por fim, decide ter o menino como novo objetivo em sua vida, e passa a encontrar com ele nos fins de tarde de todos os dias no segundo andar, quando já estivesse escuro, para facilitar o diálogo, pois é dessa forma que o imaginário tomava o lugar da realidade em que se encontravam (ID IBID, 2010).

Anne Frank aponta que mudou de um dia para o outro, interna e externamente. Observando cada vez a maneira de agir dos adultos, confessando a dificuldade em se acostumar com a realidade da vida deles, além de colocar a culpa nos pais pelas coisas que precisa aguentar dentro do anexo secreto, e entende que eles também erram.

Em 1944, no dia 4 de agosto, Anne Frank fez o que seria a última visita ao lugar onde se sentia melhor no esconderijo. Ainda nesse dia, as sete pessoas escondidas no anexo secreto foram presas e levadas ao campo de concentração.

2 A escrita de si

A escrita, forma de expressão e comunicação entre os seres humanos, auxiliou, direta e indiretamente, nos avanços científicos e tecnológicos, no que diz respeito ao armazenamento e compartilhamento de informações (VALLE E PANCETTI, 2009). Além disso, ela também serviu para uso individual e íntimo, como é o caso dos diários pessoais, como *escrita de si*.

Na vida ascética, onde há um exercício de desenvolvimento ou aperfeiçoamento, há um ponto indispensável, que seria observar as próprias ações e anotar o que se passa no campo subjetivo, sendo uma maneira de se disciplinar (FOUCAULT, 1992).

A *escrita de si* seria um “caderno de notas para o solitário” (IDEM, 1992, p.1), que a utiliza para colocar em ordem seus pensamentos e sentimentos até então não nomeados.

Para Epicteto, segundo Foucault (1992), a escrita é um exercício pessoal, onde, primeiramente, deve-se meditar (um exercício de pensar sobre si mesmo), logo após, deve-se escrever sobre os pensamentos adquiridos durante a meditação, e por fim, treinar, colocando em prática o que foi aprendido a partir dos dois outros exercícios.

Como forma de treinamento de si, a escrita possui uma função etopoiética, que seria “um operador da transformação da verdade em *ethos*” (ID IBID, 1992, p.2), ou seja, em costumes e normas. Essa função etopoiética aparenta ter se formado em duas outras formas bastante conhecidas e usadas: os hypomnemata e a correspondência.

2.1 Os hypomnemata

Os hypomnemata eram cadernos pessoais no formato de agenda. O seu uso foi tornando-se mais constante entre as pessoas até ganhar fama por completo. Neles, reflexões eram tomadas em notas, assim como citações, relatos, testemunhos, entre outros. No geral, eram formados por memórias de fatos lidos, ouvidos ou vistos. Também serviam para relatar e tentar modificar, através dos exercícios propostos por Epicteto (meditar – escrever – treinar), defeitos pessoais incômodos (FOUCAULT, 1992).

Segundo Foucault(1992) não eram apenas cadernos para ativar a memória, mas sim materiais para exercitar o desenvolvimento individual, com a leitura, releitura e meditação. E por mais

íntimos que fossem, os hypomnemata não deveriam ser entendidos como diários pessoais, pois não possuíam uma “narrativa de si mesmo”.

2.2 A correspondência

Os cadernos pessoais, que possuem a finalidade de exercício do eu, podem servir como uma iniciativa para o envio de textos para outras pessoas, e esse texto enviado ao outro também funciona como exercício pessoal (IDEM, 1992).

A correspondência, por meio da leitura e da releitura, atua sobre quem a recebe e quem a envia. “Esta dupla função faz com que a correspondência muito se aproxime dos hypomnemata e com que a sua forma frequentemente lhes seja muito vizinha.” (ID IBID, 1992, p.6)

A carta direcionada ao seu correspondente, com o objetivo de auxiliá-lo, servirá de treino para o escritor, no sentido de preparar-se para acontecimentos semelhantes. (FOUCAULT, 1992)

Embora possua objetivos em comum com a prática dos hypomnemata, a correspondência transcende o exercício do desenvolvimento íntimo. Por tratar-se de uma escrita com a finalidade de auxiliar o outro, a carta “constitui também certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros.” (ID IBID, 1992)

Para Michel Foucault (1992),

“Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face.”

2.3 O diário

O diário possui um caráter confidente e íntimo. O que será discutido nele é livre, uma vez que o narrador escreve o que pensa e sente espontaneamente. (CARDOSO, 2013)

A escrita, na maioria dos casos, causa um efeito positivo em quem escreve (SANTOS, 2012). O ato de escrever faz com que o indivíduo melhore a sua forma de auto-análise, “de distanciamento das situações e emoções com vista a uma reflexão mais sólida.” (SANTOS, 2012)

O diário direciona o escritor a entender o processo vivido de uma forma mais aprofundada (PENNEBAKER & BEALL, 1986 apud SANTOS, 2012). A escrita em um diário também é uma maneira de dar significado aos sentimentos sem o indivíduo ser julgado pejorativamente por outros, abrindo-se verdadeiramente ao que é sentido e pensado.

Muitos são os autores que entendem o processo de expressar os sentimentos, a partir de uma situação considerada difícil para o indivíduo, benéfica à saúde, sendo ela física e mental. (SANTOS, 2012)

2.4 A escrita adolescente

A escrita na adolescência pode apresentar-se como um “operador de subjetivação” (LIMA, 2006); o indivíduo nesta fase, na procura do verdadeiro eu, achará na escrita um *porto seguro*.

A escrita do diário, de extrema relevância e normalidade na adolescência, faz um resgate à brincadeira de ar solitário, antes presente na infância, mas que, na realidade, é um resultado da “pluralidade estrutural própria ao psiquismo.” (IDEM, 2006).

Os segredos compartilhados com o Outro faz com que a força dessa escrita se intensifique, levando o adolescente a uma confissão mais autêntica. O direcionamento conhecido como “querido diário” vira um abrigo confiável; o Outro se torna um alguém a quem se abrir sem julgamentos pejorativos futuros. (IDEM, 2006)

3 O Diário de Anne Frank

No dia 12 de junho de 1942, Anne Frank ganhou um diário em seu aniversário, presente que viria a ser um importante documento histórico sobre a Segunda Guerra Mundial.

Logo no início, Anne já esperava fazer do diário um refúgio, um lugar para se abrir de uma forma que nunca havia feito, como diz na passagem: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.” (FRANK, 1982; p. 13)

Pensando sobre o diário, Anne Frank afirma que possuir o objeto é uma vivência um tanto diferente para uma pessoa como ela, pelo fato de nunca ter tido uma experiência com a escrita dessa forma, além de também acreditar que ninguém possuirá interesse futuramente por um diário de uma garota de 13 anos. (FRANK, 1982)

Existe na menina uma necessidade de expor seus sentimentos contidos, como a mesma comenta no trecho: “Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.” (FRANK, 1982; p.18). E por conta dessa urgência de desabafar, a menina resolve escrever no diário, pois, apesar de possuir pessoas ao seu redor, a jovem se sente sozinha, devido a relação que possui com seus amigos, a considerando superficial, e isso pode ser visto no fragmento:

“Tenho uma família, tias amorosas e uma casa boa. Não; aparentemente parece que tenho tudo, exceto um único amigo de verdade. Quando estou com amigas só penso em me divertir. Não consigo me obrigar a falar nada que não sejam bobagens do cotidiano. Parece que não conseguimos nos aproximar mais, e esse é o problema. Talvez seja minha culpa não confiarmos umas nas outras. De qualquer modo, é assim que as coisas são, e não devem mudar, o que é uma pena. Foi por isso que comecei o diário.” (FRANK, 1982; p. 19)

Por se sentir solitária, Anne personifica o diário, o nomeando de Kitty, sendo Kitty “a imagem da amiga há muito tempo esperada.” (FRANK, 1982; p. 19). A menina escreve, além de fatos que ocorrem em sua vida, contos para a mais nova e confiável amiga, sendo a escrita de si para ela um cuidado de si no sentido de relação afetiva.

Anne Frank comenta que, a partir de maio de 1940, os bons tempos foram curtos e intervalados, com o início da guerra, e, depois com a vinda dos alemães, dando início ao sofrimento do povo judeu.

No dia 5 de julho de 1942, Anne recebeu a notícia de que sua irmã Margot recebera uma notificação da SS¹, e, por conta disso, a ida ao anexo secreto teve de ser adiantada.

O esconderijo estava localizado no escritório onde Otto Frank trabalhava. Anne diz achar que nunca irá se sentir à vontade no anexo, e mesmo que pense isso, não o odeia. Para a menina, “é como estar de férias em alguma pensão estranha. É um modo meio diferente de encarar a vida num esconderijo, mas é assim que as coisas são.” (FRANK, 1982; p. 38)

O medo consome a menina e as outras pessoas no esconderijo. Por mais que o escritório fique entre uma fábrica e uma empresa, a possibilidade de alguém ouvir algum barulho do prédio onde fica o anexo secreto é grande, levando à todos os fugitivos a um cuidado extremo.

Em um desabafo, Anne fala sobre a sua relação com os seus pais e irmã no anexo secreto. Comenta sobre o fato de não se adaptar aos seus familiares e sobre eles não perceberem isso nela:

“Eu não me adapto a eles, e senti isso claramente nas últimas semanas. Eles são muito sentimentais juntos, mas prefiro ser sentimental sozinha. Estão sempre comentando que as coisas vão muito bem entre nós e que nos damos muito bem, mas não pensam um segundo no fato de que eu não me sinto assim.” (FRANK, 1982; p. 41)

A jovem se distancia cada vez mais de sua mãe. As duas vivem em constantes conflitos, a maioria das vezes por coisas banais, como uma briga por conta da forma de chamar uma empregada doméstica, por exemplo. A menina e seu pai possuem uma relação agradável. O homem, para a garota, é um excelente pai, além de ser muito atencioso com ela.

As brigas no anexo secreto envolvem, em sua maioria, o nome de Anne Frank. Em uma passagem, a garota fala de sua revolta por ser o centro das brigas no esconderijo:

“Eu deveria estar acostumada ao fato de essas discussões acontecerem todo dia, mas não me acostumo e nunca me acostumarei enquanto eu for o tema de quase todas as brigas. (...) Eles criticam tudo a meu respeito – e quero dizer tudo mesmo: meu comportamento, minha personalidade, meus modos; cada centímetro meu, da cabeça aos pés e dos pés à

¹ Exército nazista.

cabeça, é assunto para fofocas e debates. (...) Se você soubesse, Kitty, como eu ferve por dentro quando me censuram e debocham de mim. Não vai demorar muito até eu explodir de raiva.” (FRANK, 1982; p. 56)

Após ameaças de seu pai dizendo que pegaria o diário, Anne passa a esconder o objeto.

Os casos de judeus sendo levados à força para trabalhar para os alemães crescem, preocupando à todos no anexo secreto. Anne se sente mal, angustiada e com raiva por causa disso, como diz nos trechos: “Estou me sentindo péssima. Os relatos que Miep² faz sobre esses horrores são angustiantes(...).” (FRANK, 1982; p. 66) e “Excelentes espécimes da humanidade, esses alemães, e pensar que na verdade sou um deles! Não, isso não é verdade, Hitler retirou nossa nacionalidade há muito tempo. E, além disso, não há maiores inimigos na terra do que alemães e judeus.” (FRANK, 1982; p. 67)

Embora estivesse escondida, Anne continuou estudando e se empenhando para aprender outras coisas, como forma de fazer o tempo passar mais rápido; uma distração produtiva.

Por conta do aumento da brutalidade contra os judeus, foi decidido, entre os moradores do anexo, levar mais uma pessoa ao esconderijo, fato que animou a todos que estavam morando na casa. O novo integrante do anexo secreto teria que dormir na mesma cama que Anne, e a ideia não a agradou muito, mas para a menina “precisamos fazer sacrifícios por uma boa causa, e estou feliz por poder colaborar.” (FRANK, 1982; p. 80)

Por mais que tentasse manter-se animada dentro do anexo, Anne Frank sentia-se cada vez mais triste ao saber o que acontecia no mundo afora, principalmente com o povo judeu, e isso pode ser visto no fragmento: “Não importa o que eu esteja fazendo, não consigo deixar de pensar nos que se foram. Eu me surpreendo rindo e lembro que é uma desgraça estar tão alegre. Mas será que eu deveria passar o dia inteiro chorando? Não, não posso fazer isso. Essa tristeza vai passar.” (FRANK, 1982; p.82)

Além da tristeza por conta dos que foram pegos e estão em extremo perigo, Anne também sentia-se triste devido ao vazio que sente internamente, uma solidão que não consegue afastar de si, como diz a seguir:

² Mulher que trabalhava no escritório onde o anexo secreto estava localizado. A mesma ajudava as pessoas que moravam no esconderijo, comprando alimentos no mercado clandestino e os mantendo informados sobre o mundo afora, além de ser uma grande amiga de todos.

“(…) não posso deixar de dizer que comecei a me sentir abandonada. Estou rodeada por um vazio muito grande. Eu não costumava pensar muito nele, já que tinha a mente cheia de meus amigos e de diversão. Agora penso sobre coisas infelizes ou sobre mim mesma. Demorou um bocado, mas finalmente percebi que papai, por mais gentil que seja não pode ocupar o lugar do meu mundo antigo. Quando se trata de meus sentimentos, mamãe e Margot deixaram de contar há muito tempo.” (FRANK, 1982; p.83)

A saudade de uma vida que agora parece tão distante deixa Anne melancólica, no sentido de olhar para tudo o que perdeu; refere-se a um “vazio muito grande”, pois toda a sua vida foi tomada pela guerra; do discurso de ódio e da não aceitação das diferenças. E, mais uma vez, a menina dá indícios de que Kitty é um suporte para ela: “Mas por que eu incomodo você com essa bobagem? Sou muito ingrata, Kitty, eu sei, mas quando recebo uma bronca pela milésima vez e ainda tenho todas essas outras desgraças em que pensar, minha cabeça começa a girar!” (FRANK, 1982; p.83)

Anne Frank sente-se exausta de todos os julgamentos contra ela no esconderijo; todas as brigas que a envolve; todas as formas de tentarem mudar o que ela é: o seu caráter e a sua personalidade. Sua revolta é esclarecida na passagem:

“Estou explodindo de raiva, mas não posso demonstrar. (...) Gostaria de gritar com mamãe, com Margot, com os van Daan, com Dussel e com papai também: “Me deixem em paz, deixem que tenha pelo menos uma noite sem chorar até dormir com os olhos ardendo e a cabeça latejando. Deixem que eu vá embora, embora de tudo, embora deste mundo!” Mas não posso fazer isso. Não posso deixar que eles vejam minhas dúvidas, nem as feridas que me causaram. (...) Gostaria de pedir a Deus que me desse outra personalidade, uma que não criasse antagonismos com todo mundo.” (FRANK, 1982; p. 93)

Em uma passagem, Anne confessa estar tomando remédio para a sua ansiedade e depressão, e embora esteja fazendo isso, os sintomas continuam a atormentando: “Estou tomando valeriana todos os dias para controlar a ansiedade e a depressão, mas isso não impede que me sinta ainda mais infeliz no dia seguinte. Uma boa gargalhada ajudaria mais do que dez gotas de valeriana, mas quase esquecemos aqui como se gargalha.” (FRANK, 1982; p. 146) Além dela, as outras pessoas no anexo encontram-se na mesma situação, apresentando um quadro de extrema tristeza e angústia, devido a toda situação traumática que vivem.

A situação no esconderijo tende a piorar com o passar dos dias. Seus moradores entram em conflitos constantemente, em sua maioria por coisas bobas, pois o clima de tensão e medo é tão grande que deixa todos em estado de alerta e nervosismo, os fazendo descontar o que sentem uns nos outros.

A situação de Anne Frank piora. A menina está sem apetite, tendo que tomar substâncias necessárias para não adoecer. Ela encontra-se em uma tristeza enorme, como diz no trecho:

“Meus nervos costumam me dominar, principalmente aos domingos; é quando me sinto péssima. A atmosfera é sufocante e pesada como chumbo. Lá fora não se ouve um pássaro, e um silêncio mortal e opressivo paira sobre a casa e se gruda em mim, como se fosse me arrastar para as regiões mais profundas dos abismos subterrâneos.” (FRANK, 1982; p.150 à 151)

A adolescente volta a falar da solidão e do vazio que sente, sendo o sono a única forma de se livrar de tudo o que a incomoda. Para ela:

“Em tempos assim, papai, mamãe e Margot não têm a menor importância para mim. Ando de cômodo em cômodo, subo e desço escadas e me sinto um pássaro de asas cortadas, que fica se atirando contra as barras da gaiola. “Me deixem sair para onde existem ar puro e risos!”, grita uma voz dentro de mim. Nem mesmo me incomoda mais em responder, só fico deitada no divã. O sono faz o silêncio e o medo terrível irem embora mais de pressa, ajuda a passar o tempo, já que é impossível matá-lo.” (FRANK, 1982; p. 151)

Anne se sente desamparada. A menina não tem com quem contar, pois todos estão vivendo as mesmas sensações, o mesmo desespero. Não há esperança, e por isso, o sono restitui um pouco da vida, pois nele, o terror pode desaparecer.

A frustração que a menina sente em relação a sua mãe é evidente. Ao buscar uma figura a qual se espelhar, Anne só encontra o seu pai. Ela vê a Sra. Frank como alguém que não cumpre corretamente o papel de mãe e esposa.

A figura que a menina procura e realmente acha um conforto é ela mesma, que, através do diário, desabafa e tenta organizar as suas emoções reprimidas na situação em que se encontra. Sua angústia pode ser vista no trecho: “Quem mais, além de mim, vai ler estas cartas? Com quem mais, além de

mim, posso procurar conforto? Estou sempre precisando de consolo, costumo me sentir fraca e com frequência deixo de atender às minhas expectativas.” (FRANK, 1982; p. 153)

Continuando o desabafo, Anne diz o porquê de sempre voltar a escrever no diário:

“Tanta coisa passa pela cabeça à noite, quando estou sozinha, ou durante o dia, quando sou obrigada a estar perto de gente que não suporto ou que sempre interpreta mal minhas intenções! É por isso que sempre termino voltando ao meu diário – começo nele e termino nele, porque Kitty é sempre paciente. Prometo a ela que, apesar de tudo, vou em frente, vou encontrar o meu caminho e refrear as lágrimas.” (FRANK, 1982; p.154)

A necessidade de colocar para fora o que está dentro de si é enorme, e Anne não mede esforços ao passar para o papel o que sente, pois para a menina “o papel é mais paciente do que as pessoas” (FRANK, 1982; p. 165).

Anne deseja ter a vida de uma adolescente normal, “andar de bicicleta, dançar, assoviar, olhar o mundo, me sentir jovem e saber que sou livre” (FRANK, 1982; p. 165), e embora deseje isso, prefere não transparecer o quanto sente-se mal por ter sido privada de sua vida.

Após mais de um ano morando no anexo secreto, Anne Frank resolve reler seu diário. Logo após a releitura, fica chocada com o tanto de cartas³ escritas falando mal de Sra. Frank, sua mãe. O exercício da releitura faz a menina se questionar do porquê da extrema raiva e ódio presentes nas correspondências, tentando produzir associações e sentido para o que sentia.

Por ter estado mal, com constantes alterações no humor, Anne não expandia seu modo de pensar sobre o que acontecia ao seu redor, principalmente no que diz respeito às pessoas, pois a menina não procurava colocar-se no lugar dos outros, agindo, na maioria dos casos, por impulso.

Ao ter transformado Kitty em sua melhor amiga, Anne Frank acabou se fechando por completo, escondendo-se, segundo ela, em si mesma. (FRANK, 1982; p. 170)

Voltando a sua mãe, a adolescente afirma que tanto ela quanto a Sra. Frank acabaram entrando em um “círculo vicioso de ofensas e tristezas” (FRANK; 1982; p. 170). A menina também diz que o que foi dito em seu diário não passavam de “expressões de raiva” (FRANK, 1982; p. 170), essas que poderiam ter sido resolvidas de outra forma, como trancando-se em seu quarto, por exemplo.

³ Anne Frank personificou seu diário, o chamando de Kitty. As escritas no caderno eram, na verdade, correspondências enviadas à Kitty.

Por fim, a garota compreende que é melhor escrever o que sente do que dizer à sua mãe e acabar a magoando. E embora tenha total compreensão de seus atos e que esses poderiam ter sido evitados, Anne ainda tem mágoa de sua mãe, pois, para ela, a mãe ideal tem de ser um bom exemplo, além de ser uma pessoa que possa ser respeitada. Porém, na maior parte do tempo, Anne acha que a Sra. Frank “é um exemplo do que não fazer” (FRANK, 1982; p. 171)

A vontade de conversar com alguém chegou ao extremo, fazendo com que Anne escolhesse Peter para tal função. Com uma maior proximidade, a menina começa a reparar mais no mais novo companheiro de conversa. Ambos passam a se encontrar no sótão para falar sobre todos os assuntos possíveis, e essa amizade, para a garota, melhorou a sua vida. A jovem afirma não estar apaixonada, mas, segundo ela, “tenho a sensação de que vai se desenvolver uma coisa linda entre mim e Peter, uma espécie de amizade e uma sensação de confiança” (FRANK, 1982; p. 204). Anne vê em Peter um conforto, mas sente-se insegura no que ele pode pensar sobre os dois. A adolescente encontra no menino muitas coisas em comum, dentre elas, a luta pelos “sentimentos mais íntimos” (FRANK, 1982; p.210).

O fato do filho dos van Daan ser solitário chamou a atenção de Anne, pois a menina acabou se identificando com essa solidão. E por ambos possuírem pais ausentes, de certa forma, criaram um laço forte em pouco tempo, pois um reconheceu o pesar do outro. Sendo Peter incompreendido por seu pai por ser fechado e não assemelhar-se à eles, e Anne por ser considerada imatura e rebelde por seus familiares, quando, na verdade, o único motivo dos dois jovens se expressarem dessa forma ser a ausência e irrelevância de seus pais à eles.

A adolescente afirma abrir-se para o diário, revelando a ele todos os sentimentos e pensamentos que possui, enquanto fora dele, na vida real, veste uma máscara social para todos ao seu redor acreditarem que está bem. (FRANK, 1982; p.227) Segundo Anne, quando está escrevendo no diário, ela pode ser ela mesma, mesmo que seja por um determinado tempo. (FRANK, 1982; p. 231)

Anne Frank diz se sentir pressionada por seus pais. A menina afirma que, em sua idade, os jovens gostam de tomar algumas decisões sozinhos, ter independência, e com ela não é diferente. Porém, a todo o momento, sua mãe e seu pai a reprimem por fazer algo, mesmo que simples. (FRANK, 1982; p.233)

Dentre os diversos assuntos que Anne e Peter conversam, sexo é um deles. Por não ter tido um esclarecimento geral de seus pais sobre o assunto, a menina acabou criando muitas dúvidas em sua

mente, e ao se sentir confortável com Peter para falar de qualquer coisa, acaba tirando as suas dúvidas com ele. (FRANK, 1982; p. 244)

A jovem também possui curiosidades a respeito de seu corpo. A mesma procura por si só desvendar os mistérios que a aflige, questionando sempre o porquê dos responsáveis evitarem falar de qualquer assunto do âmbito sexual com os seus filhos. (FRANK, 1982; p. 247)

Anne sente-se bem sempre que está ao lado de Peter. Todas as angústias e coisas negativas que a rodeia somem quando está perto do menino, sua nova paixão. Em uma passagem, ela diz o quanto está contente por estar vivenciando isso com o menino Peter:

“O que poderia ser melhor do que sentar diante de uma janela aberta, desfrutando a natureza, ouvindo os pássaros, sentindo o sol no rosto e tendo nos braços um cara maravilhoso? Sinto-me tão em paz e segura com seu braço no meu ombro, sabendo que ele está perto e não precisando falar; como isso pode ser ruim se me faz tão bem? Ah, se ao menos nunca fôssemos perturbados de novo, nem mesmo por Mouschi⁴!” (FRANK, 1982; p. 280)

Em uma conversa, o pai de Anne a repreende por estar muito próxima a Peter. Em resposta, Anne escreve uma carta destinada ao Sr. Frank dizendo que, com a aproximação de Peter, ela passou a ser mais positiva sobre as coisas que aconteciam em sua vida.

Anne Frank, em uma passagem, volta a comentar sobre o vazio que sente. Nem mesmo Peter consegue mudar o estado de ânimo da menina, que diz estar decepcionada com o garoto.

Em um trecho, Anne fala o que pensa sobre estar escondida e sobre não desistir, por ter amor à vida:

“Eu me perguntei várias vezes se não teria sido melhor não termos nos escondido, se estivéssemos mortos agora e não tivéssemos de passar por toda essa desgraça, especialmente para que os outros fossem poupados desse fardo. Mas nos encolhemos só de pensar. Ainda amamos a vida, ainda não esquecemos a voz da natureza e continuamos com esperança de... tudo. Que aconteça alguma coisa logo, até mesmo um ataque aéreo! Nada pode ser mais esmagador do que essa ansiedade. Que chegue o fim, mesmo sendo cruel; pelo menos saberemos se vamos ser vencedores ou vencidos.” (FRANK, 1982; p. 318)

⁴ Mouschi é a gata que vive no anexo.

Ao ler um livro sobre a juventude moderna, Anne resolve refletir sobre a sua adolescência. Ela afirma se conhecer bastante, fazendo sempre o exercício de observar as suas atitudes como se fosse uma outra pessoa a analisando. Em um trecho, a menina diz que essa autoconsciência nunca a abandonou e que, sempre que vai dizer algo reflete sobre a forma que vai colocar o que pensa para fora. (FRANK, 1982; p. 339)

Anne diz possuir dois lados. O primeiro, segundo ela, contém “minha exuberância, minha petulância, minha alegria na vida e, acima de tudo, minha capacidade de apreciar o lado mais leve das coisas” (FRANK, 1982; p. 345). Esse lado disfarça a parte mais reservada de Anne, o lado “mais puro, profundo e melhor” (FRANK, 1982; p. 345).

Para a adolescente, o seu jeito mais superficial, o qual todos conhecem e possuem acesso, sempre levará vantagem sobre o seu jeito mais reservado e de pouco acesso à todos.

Anne afirma ter medo de descobrirem o seu segundo lado, medo de caçoarem dela, de a acharem sentimental e ridícula e, acima de tudo, de não a levarem a sério. No trecho a seguir, a menina fala o porquê de não mostrar esse seu lado:

“Estou acostumada a não ser levada a sério, mas somente a Anne leviana consegue lidar com isso; a Anne mais profunda é fraca demais. Se eu forçar a Anne boa a aparecer por pelo menos 15 minutos, ela se fecha como um marisco no momento em que é chamada a falar, e deixa a Anne número um dizer o texto. Antes que eu perceba, ela desapareceu.” (FRANK, 1982; p. 345)

Apenas Anne tenta definir quem realmente é. Ela pensa em si como uma pessoa feliz por dentro, enquanto os outros pensam nela feliz por fora. A menina diz tentar mudar, colocar para fora a sua melhor parte, mas o medo do que vão pensar a impede de ser quem realmente acredita ser.

No dia 4 de agosto de 1944, as oito pessoas que moravam no anexo secreto foram presas. Anne e Margot Frank foram transportadas de Auschwitz no final de outubro para o campo de concentração Bergen-Belsen, localizado perto de Hannover na Alemanha.

Anne e sua irmã Margot contraíram tifo. As duas morreram no fim de fevereiro ou início de março de 1945. O campo de concentração em que estavam foi libertado em 12 de abril de 1945 por tropas inglesas.

Otto Frank foi o único das oito pessoas que sobreviveu. Ele se dedicou a espalhar pelo mundo as mensagens de sua filha Anne Frank. O mesmo morreu em 19 de agosto de 1980.

CONCLUSÃO

Anne Frank, a todo momento, faz do diário um lugar para se refugiar e desabafar. Sempre escondendo o lado mais íntimo às pessoas, a menina mostra, ao escrever, suas opiniões e sentimentos sem medo de ser julgada por terceiros.

Quando em liberdade, Anne já contava ao diário que não se sentia confortável ao falar sobre coisas pessoais às suas amigas. E, embora fosse rodeada por elas, sentia-se só, com a necessidade de colocar para fora o que pensava e sentia. O mesmo se enquadrava aos seus familiares, os quais possuía uma relação afetiva, mas superficial, de certo modo.

O exercício da escrita de si esteve, constantemente, levando Anne à reflexões sobre a sua vida. Sempre que relia suas cartas enviadas à Kitty, a menina analisava e pensava a forma que lidou com os acontecimentos relatados, levando em conta como e se poderia ter sido diferente, além de pensar em formas de evitar a repetição de episódios que não considerava positivos.

A menina sente-se mal por não ser compreendida por seus pais. O amparo que necessita nos momentos de angústia não é encontrado neles, e isso deixa a adolescente com raiva, pois percebe que seus responsáveis não podiam protegê-la, e é nesse contexto de vivência que Anne cria o interlocutor imaginário Kitty.

Por um acaso, a adolescente acabou se apaixonando por um morador do anexo secreto, Peter. Quando juntos, Anne sentia-se bem, como se todos os problemas de sua vida sumissem quando estava com o menino. Embora visse em Peter um conforto e tranquilidade, a menina não abriu mão de seu diário. Pelo contrário, começou a usá-lo com mais frequência, por conta da necessidade de contar e organizar os sentimentos em grande intensidade que estava sentindo.

A todo momento, a jovem pensa nos que foram levados pelos soldados nazistas, sentindo-se privilegiada por não estar presa em um campo de concentração. A menina afirma que seria cruel demais estar feliz enquanto muitos sofrem injustamente. E mesmo que tenha essa visão, reconhece que ficar triste não melhorará a situação.

Portanto, ao longo deste trabalho, foi percebido que a escrita de si serviu como um suporte a adolescente Anne Frank. Desde momentos de tensão à calma total, o diário foi um amigo que Anne não encontrou em um ser humano, devido a total vivência de desamparo, angústia e frustração. A escrita de si no sentido de cuidado de si, ao expor seus sentimentos no diário, fez a garota não desistir e até mesmo repensar, através do exercício da releitura, sobre as suas atitudes,

a fazendo reconhecer quando errou ou acertou nos relatos contados, além de a ajudar a lidar com a fase da adolescência no contexto sócio-histórico de guerra.

No anexo secreto, Anne Frank busca sempre vida em episódios pontuais, como foi no caso de Peter, por exemplo, tentando produzir sentido para o que a angustiava, como a guerra, seus pais, as brigas no esconderijo, entre outros motivos.

Segundo Foucault (1992), a escrita de si é um “caderno de notas para o solitário”, e é indiscutível que Kitty foi um apoio à Anne, que mesmo rodeada por pessoas, sentia-se só e desamparada. A partir da escrita no diário, a adolescente começou a produzir um cuidado de si, relendo suas cartas e analisando a si mesma. Dessa, forma, o diário de Anne Frank constitui-se como escrita e cuidado de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDICERA, C. psicoterapia baseada na mentalização para o tratamento da depressão na adolescência, 2011.

BOCK, A. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores, 2007.

CARDOSO, S. Diários de viagem de Anísio Teixeira: razões e sentidos de uma escrita de “si” e do “outro”, 2013.

DUARTE, C. Adolescência e sentido de vida, 2007.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FRANK, A. **O Diário de Anne Frank**. Anne Frank Fonds, 1982.

JOVIANO, L. Diário e escrita de si: minha vida de menina no contexto da discursividade moderna, 2011.

LEWGOY, B. Holocausto, trauma e memória, v. v.2 n.1, n. WebMosaica-revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 2010.

LIMA, M. Sobre a escrita adolescente, 2006. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000100005>.
Acesso em: 1/7/2018.

MACEDO, L.; MULLER LAROCCA, L.; NOLASCO CHAVES, M. M.; AZEVEDO MAZZA, V. DE. Análise do discurso: uma reflexão para pesquisar em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 26, 2008.

MAZZA, V. Análise do discurso: uma reflexão para pesquisar em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 26, 2008.

MEDIOLI, C. Sexualidade na adolescência - o despertar de Anne, 2010.

SANTOS, M. Um olhar sobre o diário de Frank, 2012.

SILVA, L. importância da palavra escrita na evolução do homem. **Recanto das Letras**, 24. set. 2019. Blog. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/textosjuridicos/1828109>.
Acesso em: 1/7/2018.

VALLE, M.; PANCETTI, A. A transformação do mundo pela escrita, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. (2011). Preventing early pregnancy and poor reproductive outcomes among adolescents in developing countries. Geneva: WHO. Disponível em: http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/preventing_early_pregnancy/en/index.html. Acesso em: 1/7/2018.